

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

**GUSTAVO MARQUES BRANDÃO**

**INTERAÇÃO DOS SURDOS DE BRASILÉIA COM OS SURDOS DE COBIJA:  
RELAÇÕES NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

**RIO BRANCO**  
**2025**

**GUSTAVO MARQUES BRANDÃO**

**INTERAÇÃO DOS SURDOS DE BRASILÉIA COM OS SURDOS DE COBIJA:  
RELAÇÕES NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras Libras.

Orientador: Profº Me. Lucas Vargas Machado da Costa

**RIO BRANCO**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

B817i Brandão, Gustavo Marques, 1994-  
Interação dos surdos de Brasiléia com os surdos de Cobija: relações na região de fronteira/ Gustavo Marques Brandão; Orientador: Prof. Msc. Lucas Vargas Machado da Costa – 2025.  
39 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Coordenação de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para obtenção do Grau Licenciado em Letras Libras.

1. Interlíngua. 2. Região de fronteira. 3. Relações. 4. Surdos. 5. Sinalização  
I. Costa, Lucas Vargas Machado da (orientador). II. Título.

CDD:499.993

---

Bibliotecário: Marcelino G. M. Monteiro CRB-11º/258.

**GUSTAVO MARQUES BRANDÃO**

**INTERAÇÃO DOS SURDOS DE BRASILÉIA COM OS SURDOS DE COBIJA:  
RELAÇÕES NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras para obtenção do título de licenciado em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 14 de abril de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Lucas Vargas Machado da Costa (Orientador – UFAC)

---

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva (Examinadora Interna – UFAC)

---

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira (Examinadora Interna – UFAC)

**RIO BRANCO**

2025

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus! Precisei me esforçar muito no período do curso de Letras Libras, foram muitos desafios e dificuldades, foram muitas experiências, busca por conhecimento, muitos processos! Como acadêmico aproveitei as disciplinas e aprendi muita coisa.

Amo minha família e meu cachorro Cristal. Eu trabalho e ajudo nas coisas de casa, eles me apoiam e compartilhamos as tarefas. Obrigado, pois quando eu estava cansado, estressado e desanimado, vocês estavam comigo, em casa, nos passeios em família e com o meu cachorro, e também me divertindo e cuidando do meu avô. Foram momentos positivos e que me deram paz.

Agradeço à professora da disciplina de TCC, profa. Rosane, e também ao meu orientador, prof. Lucas, pelo apoio e pelas maravilhosas explicações que muito me ajudaram. Obrigada pela paciência, pelas conversas e conselhos. Agradeço também àqueles que me apoiaram na tradução da Libras para o português. A realização da pesquisa de TCC foi uma experiência na qual aprendi muito, aprendi também as normas técnicas e regras. Obrigado professores!

Agradeço a todos do curso de Letras Libras, desde o primeiro ao oitavo período, aos colegas e professores que compartilharam momentos e informações comigo, pelo contato e discussões em Libras, pelas palestras, eventos, seminários dos quais participei na Ufac e que contribuíram para ampliar meus conhecimentos e pesquisas da Libras.

Agradeço também às duas intérpretes que iniciaram o curso comigo no período da pandemia da Covid-19, quando as aulas ocorriam via Meet e que permaneceram em alguns períodos nas aulas presenciais, me passando as informações e conteúdos de forma detalhada. Agradeço ao intérprete do 7º e 8º períodos que me acompanhou nas aulas das disciplinas de TCC 1 e 2. Gratidão os três intérpretes de Libras.

## RESUMO

As cidades de Brasiléia (no Acre) e de Cobija (na Bolívia) estão localizadas na região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia, sendo um espaço na qual brasileiros e bolivianos transitam constantemente. Nesses locais, normalmente, é utilizada uma interlíngua, ou seja, uma língua intermediária entre os usuários do português (brasileiros) e do espanhol (bolivianos), e de outras línguas orais utilizadas nos dois países. Além das línguas orais, há também as línguas de sinais utilizadas nessas regiões de fronteira, entre elas, a Libras e a Língua de Sinais Boliviana. Dessa forma, a pesquisa realizada teve como objetivo verificar se os surdos que transitam na região de fronteira entre Brasiléia (Brasil) e Cobija (Bolívia) utilizam uma interlíngua sinalizada ou se são pessoas bilíngues que usam de forma alternada as línguas de sinais brasileira e boliviana. O estudo foi desenvolvido mediante a realização de levantamentos bibliográficos e de uma entrevista com dois surdos da região de fronteira, para verificar como é utilizada a sinalização entre eles, sendo uma pesquisa aplicada, que visa contribuir com novos conhecimentos, com objetivos descritivos e abordagem qualitativa. Como embasamento para o trabalho foram utilizados os estudos de Calvet (2002), Albuquerque (2006) e Miranda (2020). Após a pesquisa, foi possível perceber que os surdos que moram nesta região, e transitam entre os dois países, tendem a ser pessoas bilíngues, pois, a partir da convivência com usuários de outra língua de sinais o contato ocorre e ambos aprendem a língua de sinais do outro país, sendo a interação inicial mediada por apontamentos/apontar e mescla de sinais de ambas as línguas, havendo uma interlíngua.

Palavras-chave: Interlíngua. Região de fronteira. Relações. Surdos. Sinalização.

## ABSTRAC

The cities of Brasiléia (in Acre, Brazil) and Cobija (Bolívia) are located in the border region between Brazil and Bolívia, a space where brazilians and bolivians move freely. In these areas, it is common the use of an interlanguage, a hybrid form of communication between the speakers of portuguese (brazilians), spanish (bolivians) and other oral languages used in both countries. In addition to the spoken languages, sign languages are also used in these border regions, including Brazilian Sign Language (Libras) and Bolivian Sign Language. This study is aimed to get a better understanding about whether deaf individuals that move in these border regions make use of an interlanguage, or if they are bilingual, alternating between the use of brazilian and spanish Sign language. The study was developed through bibliographical surveys and an interview with two deaf people from the border region, to verify how signage is used among them, being an applied research, which aims to contribute with new knowledge, with descriptive objectives and a qualitative approach. The study was made by using the theoretical frameworks from Calvet (2002), Albuquerque (2006), and Miranda (2020). The findings revealed that deaf residents in this region who are used to crossing between sides tend to be bilingual, acquiring knowledge about each other's languages and systems through mutual interaction, and the initial contact being introduced by points/to point and the use of signs from both languages—effectively creating an interlanguage.

Keywords: Interlanguage. Border region. Relations. Deaf individuals. Signing.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Configuração de mão.....	16
Figura 2 – Os parâmetros da língua de sinais brasileira.....	17
Figura 3 - Mapa da região de fronteira entre Brasiléia (Brasil) e Cobija (Bolívia).....	22
Figura 4 - Realização da entrevista.....	23
Figura 5 - Sinal “NOME” – ASL.....	28
Figura 6 - Sinal “NOME” - Libras e ASL.....	28

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
2.1	AS LÍNGUAS DE SINAIS E SUAS ORIGENS .....	11
2.2	OS SURDOS E SUAS ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS.....	14
2.3	O CONTATO ENTRE LÍNGUAS NAS REGIÕES DE FRONTEIRA.....	18
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
	<b>APÊNDICE - ENTREVISTA.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Minhas vivências e experiências no ensino superior têm sido difíceis, enfrentando vários desafios na minha vida acadêmica como surdo no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre<sup>1</sup>, pois a língua portuguesa é utilizada pela maioria dos professores que desconhecem a Libras, sendo necessária a intermediação de tradutores-intérpretes<sup>2</sup> no processo de ensino-aprendizagem. Conto com o apoio de colegas que contribuem com os meus estudos, me ajudam nas discussões e reflexões dos conteúdos. Tenho uma graduação anterior, Letras Português, e também 5 anos de experiência como professor de Libras do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) Estadual – CAS<sup>3</sup>. A Libras permeia a minha vida, meus estudos e as minhas relações sociais, pois “A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais [...] significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos” (Quadros, 2008, p. 119). As línguas de sinais são utilizadas como meio de comunicação pela maioria das pessoas surdas nos mais variados espaços do mundo.

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. (QUADROS, 1997, p. 47).

Cada país possui sua (s) língua (s) de sinal/sinais e algumas delas são legalmente reconhecidas. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida em 2002, pela Lei nº 10.436, como meio de comunicação das pessoas surdas brasileiras. Na Bolívia, país com o qual fazemos fronteira, uma das línguas de sinais utilizada pelos surdos é a Língua de Sinais Boliviana (LSB). De acordo com Miranda et al. (2023) “a LSB ainda não é reconhecida

---

<sup>1</sup> O curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre teve o seu Projeto Político Pedagógico elaborado em 2013, tendo a primeira turma iniciado seus estudos em 2014. Trata-se de uma licenciatura que tem como objetivo formar professores de Libras para atuar, principalmente, no Ensino Fundamental II, no Ensino Médio e Superior (Vargas, 2022).

<sup>2</sup> A Lei 14.704 considera: “I – tradutor e intérprete: o profissional que traduz e interpreta de uma língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentem” (Brasil, 2023).

<sup>3</sup> Os Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) foram criados com o objetivo de capacitar os profissionais que trabalham com o ensino e a elaboração de materiais didáticos que atendam às especificidades linguísticas dos surdos, no processo de educação bilíngue (SEE/MG, 2016, p. 5).

oficialmente na Bolívia, mas há um movimento da Comunidade Surda para que isso aconteça” (Miranda et al, 2023, p. 167).

Como surdo, usuário de Libras, e morador da cidade de Rio Branco - Acre, próximo à região de fronteira, e que tem contato com surdos bolivianos, surgiu o interesse em observar e registrar, a partir das falas dos surdos que moram/transitam na região de fronteira entre Brasil (especificamente na cidade de Brasiléia) e Bolívia (cidade de Cobija) como é a interação entre eles, verificando se é utilizada uma interlíngua sinalizada, ou se há uma alternância entre as línguas de sinais brasileira e boliviana, sendo os surdos da região pessoas bilíngues.

A fronteira territorial que divide os países, imposta por limites físicos, áreas de segurança e policiamento, transgride sua materialidade no momento em que seus participes, interagem de variadas maneiras, entre estas as formas de comunicação. Nessa perspectiva, Costa (2012, p. 24), aponta que “a fronteira é mais que isso: é uma área geográfica, com limites imprecisos, variável e dinâmica (que ora retrai, ora expande)” (Miranda et al., 2023, p. 155).

Refletindo sobre a dinâmica neste espaço, foi estabelecido como objetivo geral da pesquisa verificar se os surdos que transitam na região de fronteira entre Brasiléia (Brasil) e Cobija (Bolívia) utilizam uma interlíngua sinalizada ou se são pessoas bilíngues que usam de forma alternada as línguas de sinais brasileira e boliviana. Dentre os objetivos específicos propôs-se: Identificar surdos que vivem na região de fronteira entre Brasiléia e Cobija; observar como ocorre a interação cotidiana entre esses surdos; verificar como é a sinalização utilizada por eles e as estratégias utilizadas para estabelecerem comunicação.

Como acadêmico surdo do curso de licenciatura em Letras Libras na Universidade Federal do Acre, fiquei pensando sobre o que eu pesquisaria em meu TCC. O interesse pelo presente tema surgiu na disciplina de sociolinguística, na qual foram discutidas questões relacionadas às variações linguísticas, especificamente nas línguas de sinais, interlíngua, entre outros. Eu me interessei em pesquisar sobre a sinalização na fronteira entre Cobija-Bolívia e Brasiléia-Brasil quando conheci a associação de surdos<sup>4</sup> da região e comecei a observar a forma de interação/sinalização dos surdos em seu cotidiano, e eu pensei que eles poderiam estar usando uma interlíngua. “Na realidade de fronteira a linguagem ganha novos contornos e ricos significados. É impossível ignorar a realidade bilíngue numa região de fronteira” (Moraes, 2012, p. 29).

---

<sup>4</sup> Essas associações são fundadas pelos surdos em suas cidades e são locais de encontro, nos quais são criadas redes de relacionamentos, luta e valorização das línguas de sinais, sendo referências culturais para essas pessoas (Brito, 2013).

Tenho contato com alguns surdos que participam da Associação dos Surdos de Cobija – Bolívia, com faixa etária entre 18 e 30 anos, aproximadamente. Assim, convidei dois desses surdos para participar da pesquisa, sendo um deles brasileiro, que mora na Bolívia, e o outro boliviano. Foi realizada uma entrevista, virtual pelo Google Meet, com os dois participantes, ao mesmo tempo. Dessa forma, pensei nas questões de interação entre os surdos da fronteira Cobija-Bolívia e a Brasiléia-Brasil, pois não identifiquei trabalhos realizados na área, sendo importante esse registro e análise da comunicação nessa região, mostrando que as questões culturais influenciam nas línguas locais. Podemos afirmar que a(s) língua(s) “[...] é o suporte de uma dinâmica social. [...] funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua” (Preti, 1977, p. 2).

A partir de leituras iniciais, verifiquei pesquisas relacionadas a região de fronteira entre Corumbá, no estado Mato Grosso do Sul no Brasil (BRA) e nas cidades de Puerto Suárez e Porto Quijarro na Bolívia (BOL). Este estudo demonstrou que:

[...] mesmo com dificuldades de comunicação os surdos da região de fronteira se comunicam em Língua de Sinais, sendo surdos bolivianos em sua maioria usuários da Libras enquanto uma minoria utiliza a LSB mesmo vivendo na Bolívia. Deste modo, compreendemos que a região de fronteira é um espaço propício para o aprendizado tanto da Libras quanto da LSB, contudo as interferências das Línguas de Sinais auxiliam a aproximação dos surdos desses países, sendo que a Libras é a Língua de Sinais que mais influência nas misturas de línguas ou alternâncias de código na interferência desse Bilinguismo (Miranda *et al.*, 2023, p. 153).

É importante que sejam estudadas como ocorrem as trocas e como são as relações entre os surdos de Cobija-Bolívia e Brasiléia-Brasil, contribuindo com as pesquisas da área e valorizando as diversidades linguísticas das línguas de sinais em um espaço no qual há línguas em contato. Assim, é necessário que estudos como esse sejam realizados em uma universidade, Ufac, que está localizada na região amazônica próxima a fronteiras com outros países.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. Inicialmente, a introdução, na qual é apresentada a contextualização do tema e a motivação para a sua escolha; na sequência, é trazido o referencial teórico utilizado como embasamento para o estudo, tendo entre eles Calvet (2002), Albuquerque (2006) e Miranda (2020); o capítulo três traz a metodologia estabelecida para a realização da pesquisa, sendo apresentados os caminhos percorridos para a concretização do trabalho; no capítulo 4 é apresentada a análise a partir dos dados, sendo embasado pelo referencial teórico selecionado.

A partir do estudo, nota-se a utilização de recursos variados na interação entre as pessoas surdas que transitam na região de fronteira Brasiléia – Cobija.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é dedicado à apresentação do referencial teórico da pesquisa, trazendo os principais autores e teorias que nortearam o nosso processo de estudo. Inicialmente, são apresentadas algumas questões sobre as origens das línguas de sinais; em seguida, são mostrados alguns apontamentos sobre as especificidades linguísticas das pessoas surdas; finalizando o capítulo, são apresentadas questões sobre as regiões de fronteira e o contato entre as línguas que permeiam as relações das pessoas que por ali transitam.

### 2.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS E SUAS ORIGENS

As línguas de sinais têm suas origens a partir de outras línguas de sinais, não sendo estas provenientes de línguas orais, conforme podem pensar aqueles que têm pouco contato com essa área de estudos, apesar de serem poucos os registros conhecidos. Dessa forma, “Cada língua de sinais tem suas influências e raízes históricas a partir de línguas de sinais específicas. Há poucos documentos registrados por surdos, e sobre os surdos, que possam fornecer informações sobre a origem e o desenvolvimento das línguas de sinais entre os surdos” (Gesser, 2009, p. 35).

É necessário destacar que os usuários de línguas de sinais convivem e interagem com os usuários de línguas orais, as utilizando também, principalmente, na modalidade escrita. Assim, é natural nesse processo que ocorram empréstimos linguísticos, entretanto, “[...] a coabitação da maioria das línguas de sinais com as línguas orais faz com que empréstimos, alternâncias e trocas linguísticas aconteçam, inevitavelmente. Mas isso não quer dizer que as línguas de sinais tenham suas origens ou raízes históricas nas línguas orais” (Gesser, 2009, p. 35).

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística (Quadros, 1997, p. 47).

Os registros relacionados às línguas de sinais têm início juntamente com os escritos que se relacionam ao seu processo educacional, especificamente, com Charles Michèle L'Épée ao encontrar gêmeas surdas francesas que estabeleciam comunicação mediante ao uso de sinais.

O abade afirmou que essa deveria ser a língua utilizada para ensinar os surdos, pois não se tratava de um simples código (Cerqueira; Teixeira, 2022).

Não é mais necessário mostrar que o único meio de obter sucesso sólido e real na educação de surdos-mudos de nascença é servir-se, para esclarecer e desenvolver sua inteligência, dos mesmos sinais que a natureza lhes inspira, sem ajuda de nenhum mestre, para exprimir suas ideias e suas necessidades. É o único meio de chegar a seu espírito e entrar em comunicação com eles; pois, para esses desafortunados, cujo ouvido nunca foi tocado pela voz materna, qualquer língua, mesmo aquela do país em que nasceu, é uma língua estrangeira [...] (L'Épée, 1820, *apud* Cerqueira; Teixeira, 2022, p. 276).

Historicamente, apesar do que foi apontado por L'Épée, no século XVII, as línguas de sinais foram, por muitos anos, percebidas como gestos, códigos secretos, sendo defendido, por muitos, que seu uso seria prejudicial aos surdos, pois os deixaria preguiçosos, atrapalhando o aprendizado da língua oral.

[...] a falta de interesse dos surdos na aprendizagem da língua majoritária oral tem estado intimamente relacionada aos castigos e punições que a história da educação dos surdos se encarrega de narrar. As atividades árduas, desgastantes e intensas das sessões de “treino” para aprender o idioma contrastam com o prazeroso e natural uso da língua de sinais pelo grupo. O uso da língua de sinais sempre germina no encontro surdo-surdo e essa realidade faz com que os profissionais temam pelo progresso de seu trabalho, ou seja, acreditava-se [...] que o treinamento da leitura labial e da vocalização pudesse ficar completamente comprometido [...] (Gesser, 2009, p. 58).

O grande marco dessas discussões, foi o Congresso de Milão, realizado em 1880, que proibiu o uso das línguas de sinais no processo educacional dos surdos, sendo eles obrigados a utilizar a língua oral reconhecida em seu país. “Em 6 até 11 de setembro de 1880, houve um congresso internacional de educadores surdos em cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos” (Strobel, 2009, p. 39).

Esse congresso foi um dos acontecimentos que mais afetou a história dos surdos, pois as decisões nele tomadas foram extremamente negativas para esses sujeitos e, a partir dele, gerados muitos prejuízos, entre eles, educacionais (STROBEL, 2009); o Congresso de Milão (1880) foi um retrocesso para os surdos, pois, entre outras decisões nele tomadas, estava a proibição do uso da língua de sinais nos ambientes educacionais nos quais os surdos estavam imersos (STROBEL, 2009). Após esse evento, os surdos perderam sua liberdade linguística, uma vez que lhes foi imposto a aprendizagem da fala, através do método do oralismo, passando a ser terminantemente proibido sinalizar, não podendo o surdo fazer uso de sua língua ou de gestos, para se comunicar. A autora enfatiza que se pensava que se o sujeito surdo fosse introduzido em uma cultura totalmente ouvinte, ele seria estimulado a falar e a integrar-se na comunidade ouvinte, dentro do “parâmetro de normalidade”. Strobel e Perlin (2008) afirmam que, em consequência do Congresso de Milão, de 1880, houve uma fase de

isolamento cultural da comunidade surda, devido à proibição do uso da língua de sinais, em sua educação (Vargas; Souza, 2021, p. 894).

Por, aproximadamente, um século, a sinalização não poderia ser utilizada nas escolas, sendo os surdos privados de muitas informações, e fazendo o uso de suas línguas clandestinamente, escondido dos professores, pois, caso a utilizassem, seriam castigados. “[...] as escolas, em sua grande maioria, proibiam o uso da língua de sinais para a comunicação entre os surdos, forçando-os a falar e a fazer leitura labial. Quando desobedeciam, eram castigados fisicamente, e tinham as mãos amarradas dentro das salas de aula” (Gesser, 2009, p. 25).

Na década de 60, após anos de insucesso na educação da maioria das pessoas surdas, e também após os inícios dos estudos relacionados às línguas de sinais, a princípio, pelo pesquisador norte-americano Willian Stokoe, a visão em relação às línguas sinalizadas começou a mudar, pois foi demonstrado seu status linguístico e apresentadas características comuns às línguas naturais humanas também nas línguas de sinais (Strobel, 2009).

Destaca-se que a sinalização é a forma natural de comunicação entre as pessoas surdas. Assim, onde há surdos, haverá língua de sinais que mediará a interação entre essas pessoas. No Brasil, um importante marco no que se relaciona às formas de sinalização aqui existentes, foi a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, em 1857. O INES foi a primeira escola de surdos criada no país, por Dom Pedro II juntamente com o professor surdo francês Ernest Huet. A partir da criação desse instituto, surdos residentes em diferentes localidades brasileiras se direcionaram ao Rio de Janeiro para estudarem, chegando com suas formas de sinalização utilizadas em seu dia a dia. A interação entre esses surdos, juntamente com a sinalização utilizada pelo professor francês Huet, a Língua de Sinais Francesa, contribuiu para a constituição do que hoje chamamos Libras, Língua Brasileira de Sinais<sup>5</sup>.

No Brasil, por exemplo, de acordo com muitos relatos, parece que a LS somente começa a existir com a chegada de Ernest Huet – professor surdo francês, encarregado pelo imperador D. Pedro II, da educação de crianças surdas. Ele ensinou aos seus alunos muitos sinais da Língua de Sinais Francesa (LSF), por meio da técnica dos sinais metódicos, desenvolvida por L'Épée. Contudo, ninguém imaginava que, para além do ensino de sinais estrangeiros, a reunião dos Surdos contribuiria para o

---

<sup>5</sup> É importante destacar que há uma variedade de línguas de sinais no mundo e que em um país pode haver várias formas de sinalização. O que ocorre, na maioria das vezes, é que uma dessas línguas passa a ser legalmente reconhecida. Assim, a Libras não é a única língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros. “Em relação às Línguas de Sinais, temos mais de 200 línguas de sinais, sendo considerado um potencial ilimitado pela Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf –WFD). Importante ressaltar que as Línguas de Sinais são formadas pela necessidade da Comunidade Surda tem em se relacionar linguisticamente. Logo as Línguas de cada país são formadas pelas derivações de outras línguas em contato [...]” (Miranda, 2023, p. 156).

desenvolvimento de língua e cultura únicas, a partir da base linguística construída no seio familiar (Cerqueira; Teixeira, 2022, p. 284).

Assim, a Língua de Sinais Francesa influenciou a constituição da Libras, da mesma forma que influenciou a formação da Língua Americana de Sinais (ASL), pois também foi para os Estados Unidos um professor francês, chamado Laurent Clerc, com o intuito de contribuir com a educação dos surdos na América do Norte, a partir da fundação da primeira escola de surdos, Gallaudet, em 1817. Ocorreu, dessa forma, um processo educacional, e consequente reestruturação linguística, semelhante entre os dois países. Em relação à Língua de Sinais Boliviana pode-se perceber, apesar de restritos registros encontrados, que ainda não é reconhecida legalmente no país, sendo trazida como uma adaptação da ASL (Miranda, 2023).

Dessa forma, a chegada das pessoas surdas, de diferentes faixas etárias, nas escolas, contribui com a unificação cultural e linguística dos surdos, tornando-se um ambiente no qual, a partir do encontro e do estabelecimento de relações entre eles, as línguas de sinais por eles utilizadas no ambiente familiar, são reestruturadas e se adequam ao novo contexto, iniciando-se a formação de uma comunidade (Cerqueira; Teixeira, 2022).

A partir da constituição das comunidades surdas, essas pessoas se fortaleceram e iniciaram movimentos pela aceitação e reconhecimento das línguas de sinais por todos o mundo,

## 2.2 OS SURDOS E SUAS ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICAS

O Decreto 5.626 regulamentou, em 2005, a Lei 10.436/2002, que reconheceu legalmente a Libras, e esclareceu quem é considerada pessoa surda:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, comprehende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Brasil, 2005).

Ao falar sobre o surdo, traz-se também o termo “cultura”, visto estar associado à essas pessoas uma cultura marcada e traduzida, principalmente, pelo uso das línguas de sinais e pela interação visual com o mundo. A cultura surda, termo muito frequente nos estudos relacionados a essas pessoas, é vista como aquela que:

[...] refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os surdos envolvidos com

a cultura surda autorreferenciam-se como participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadores de raça ou de nação (Sá, 2006, p. 7).

Entretanto, os surdos que vivem nas regiões de fronteira, além das especificidades relacionadas ao fato de interagirem com o mundo por meio de recursos visuais, possuem culturas influenciadas pelas vivências e costumes das pessoas dos dois países. “É essencial que entendamos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seus conjuntos de normas, valores e comportamentos” (Strobel, 2018, p. 30).

Os surdos podem ser considerados bilíngues quando utilizam a língua de sinais e a língua oral de seu país na modalidade escrita, mas também são bilíngues quando utilizam mais de uma língua de sinais. Dessa forma, nota-se que “[...] numa região de fronteira, a situação da linguagem é totalmente diferente das demais regiões do país” (Moraes, 2012, p. 29).

Há diferentes definições para bilinguismo, conforme mencionado no trecho abaixo:

Há muitas formas de ser bilíngue. Bilinguismo se aplica àqueles que usam duas ou mais línguas no seu dia a dia. [...] raramente bilíngues são igualmente fluentes em suas diversas línguas. Alguns falam melhor uma delas, escrevem melhor na outra e, ainda, falam uma terceira apenas em determinado contexto, não sabendo usá-la em outras situações. É muito comum a variabilidade entre os bilíngues, exatamente porque as línguas podem ser usadas de diferentes formas, com diferentes pessoas, em contextos bastante específicos [...]. Raramente as pessoas escolhem ser bilíngues. Elas são bilíngues simplesmente porque crescem em contextos em que aquelas línguas são usadas pelas pessoas com quem convivem (Quadros, 2019, p. 149-150).

Assim, os surdos são também bilíngues quando utilizam duas ou mais línguas de sinais, muitas vezes devido às especificidades dos contextos onde vivem, destacando-se regiões fronteiriças.

As línguas de sinais são espaço-visuais, modalidade diferente da modalidade das línguas utilizadas por grande parte da população, as línguas orais auditivas. Independentemente da modalidade, “[...] as línguas de sinais são [...] consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51). Assim, fenômenos comuns a todas as línguas, como variações e empréstimos linguísticos, são percebidos nas línguas de sinais. Dessa forma:

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística (Quadros, 1997, p. 47).

As línguas de sinais são línguas naturais que surgiram a partir da necessidade de interação entre as pessoas surdas. Sendo assim, possuem características linguísticas-estruturais presentes nas línguas naturais humanas, possuindo gramática. “A crença de que as línguas de sinais dos surdos não têm gramática está ancorada na crença de que [...] elas não passariam de mímicas e pantomimas” (Gesser, 2009, p. 19).

Do mesmo modo que as línguas orais, as de sinais, possuem unidades mínimas que as constituem, sendo essas unidades chamadas parâmetros, constituintes dos itens lexicais (Quadros; Karnopp, 2004). A fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos.

Essa fonologia começou a ser estudada de forma mais detalhada pelo norte americano William Stokoe, na década de 1960, sendo um estudo que contribuiu para o reconhecimento do status linguístico das línguas de sinais e sua posterior aceitação. Ele fez as primeiras descrições analisando a Língua Americana de Sinais (American Sign Language - ASL). Stokoe (1960), em suas pesquisas, propôs que os sinais seriam formados por unidades menores, chamadas de parâmetros e os dividiu em três, conhecidos atualmente como: Configuração de Mão (CM), Locação (L), Movimento da Mão (M).

A configuração de mão está relacionada ao formato da (s) mão (s) durante a realização dos sinais, não se limitando apenas às configurações do alfabeto manual. Há sinais que utilizam apenas uma das mãos e outros em que são necessárias as duas mãos em sua constituição. Ao serem utilizadas as duas mãos, a depender do sinal, elas podem ter configurações iguais ou cada mão apresentar uma configuração específica.

Figura 1 - Configuração de mão.



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

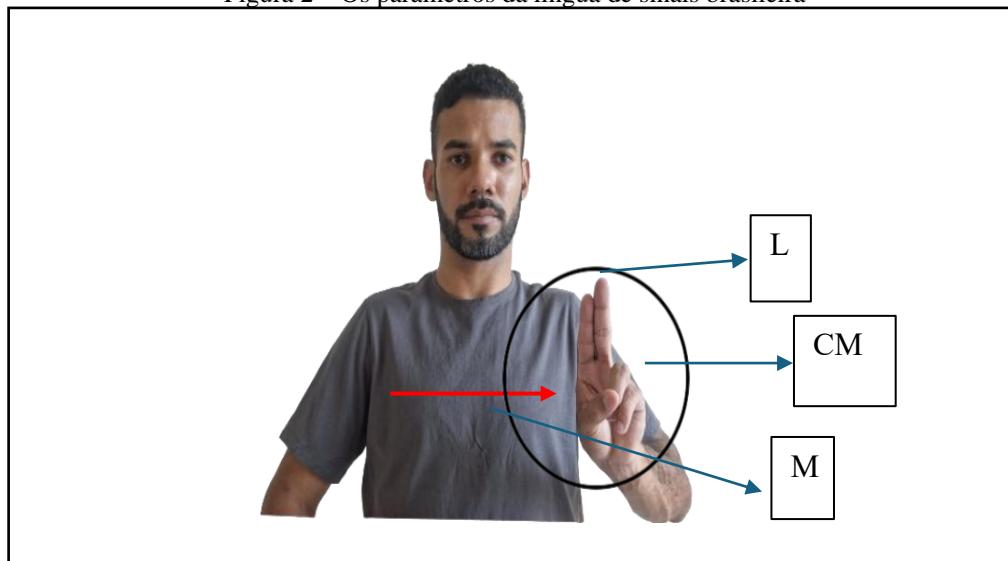
A locação, também chamada de ponto de articulação, é o local no qual o sinal é realizado, podendo ser próxima a uma parte do corpo (realizado na cabeça, no rosto, no peito, no braço, entre outros) ou no espaço à sua frente, o chamado espaço neutro. “O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções [...]” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 54). É importante destacar que a intensidade, a velocidade com a qual é realizado o movimento do sinal também traz informações adicionais à mensagem que se quer passar.

Estudos posteriores, realizados por Battison (1974), identificaram outros dois parâmetros, orientação da palma da mão e as expressões faciais e corporais. A orientação da palma da mão “[...] é a direção para onde a palma da mão aponta durante a realização do sinal” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51). A palma da mão pode direcionar-se para cima, para baixo, para as laterais, para frente ou para o sinalizador. Trata-se de um parâmetro importante na concordância verbo-nominal, pois a depender do direcionamento altera-se quem praticou a ação e para quem ela foi feita.

O quinto parâmetro, o das expressões faciais/corporais, varia a depender da intenção do sinalizador e do contexto, podendo expressar alegria, tristeza, ironia, intensificar alguma informação (adjetivos ou verbos), entre outros.

Na Figura 2 é apresentado o sinal “NOME” e demonstrados os seus parâmetros:

Figura 2 – Os parâmetros da língua de sinais brasileira



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se observar um exemplo desses parâmetros na figura seguinte, que representa o sinal “NOME”. No sinal apresentado tem-se a configuração de mão em “U”, sendo realizada no espaço neutro – à frente do corpo, com movimento retilíneo para a lateral e palma da mão voltada para frente. Em relação às expressões faciais e corporais, variam a depender do contexto, neste caso, tem-se uma expressão neutra.

Essas características estruturais, estruturadas no espaço, são comuns a todas as línguas de sinais, que trazem com elas as influências culturais e sociais de sua comunidade de uso.

Outra característica das línguas gestuais-visuais é a iconicidade que: “faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. [...] ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim, percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada” (Quadros, 2019, p. 121). Entretanto, é necessário enfatizar que nem todos os sinais são icônicos e que essa característica se relaciona às questões culturais e sociais de seus usuários. Assim, determinado sinal pode ser considerado icônico em determinada língua de sinais, e não o ser em outra.

A iconicidade não pode ser caracterizada simplesmente como um sinal que se parece com aquilo que significa, mas ocorre quando “[...] as formas dos sinais possam lembrar algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais [...]. A relação cultural está associada ao fato de os grupos sociais elegerem aspectos específicos que possam lembrar os sentidos dos sinais (Quadros, 2019, p. 122). Entretanto, é um facilitador da interação entre sinalizantes de diferentes línguas, especialmente, ao ser associada às expressões faciais e corporais.

### 2.3 O CONTATO ENTRE LÍNGUAS NAS REGIÕES DE FRONTEIRA

O processo de contato entre as diferentes línguas, tanto orais como de sinais, resulta em uma mistura destas línguas, sendo denominado como um fenômeno interlíngual, sendo que essa mistura gera interferências em ambas as línguas. “[...] essas misturas de línguas (no inglês *code mixing*) ou de *alternância de código* pode ocorrer tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais [...]” (Miranda, 2023, p. 155). A partir deste entendimento do que é um fenômeno interlíngual, podemos dar continuidade às nossas discussões.

Calvet (2002, p. 37) afirma que a relação de um indivíduo em situação de confronto com duas línguas que utiliza vez ou outra poderá gerar misturas em seu discurso. O contato de línguas produz fenômenos linguísticos interessantes, que vão de simples empréstimos

gramaticais até mistura de línguas. No que tange ao processo de empréstimos linguísticos, Miranda (2020) afirma:

Os empréstimos linguísticos podem ser decorrentes do contato de línguas, seja físico, coexistência espacial, seja cultural, acesso a livros estrangeiros, filmes, relações comerciais, enfim importação de produtos e cultura. Todas as línguas tomam palavra emprestadas de outras, com menos ou mais intensidade. Há línguas, como o francês, que controlam a entrada de itens lexicais, consequentemente de empréstimos [...]. Existem também línguas como o inglês que abarcam um grande vocabulário importado. A língua portuguesa, especialmente a falada no Brasil (PB), possui um repertório de palavras advindas de diversas línguas, como as indígenas, as africanas, a italiana, a árabe, a alemã e a inglesa. Esta última, em especial, com influências no léxico especializado, na terminologia relativa à ciência e a tecnologia (Miranda, 2020).

No Brasil, a formação da Libras foi influenciada pela Língua de Sinais Francesa (LSF), pois, um professor surdo francês, Ernest Huet, chegou ao Rio de Janeiro para dar aula para os surdos, colaborando com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1857. Desde então, questões culturais, sociais e locais vêm influenciando em sua constituição, inclusive na região de fronteira Brasil-Bolívia, foco deste estudo, quando seus usuários têm contato com a Língua de Sinais Boliviana.

À interferência lexical pode produzir o empréstimo: mais que procurar na própria língua um equivalente a uma outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra adaptando à própria pronúncia. Contrariamente à interferência, fenômeno individual, o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva [...], a ponto de se poder assistir, em contrapartida, a reações de nacionalismo linguístico (Calvet, 2012, p. 31).

Cada país tem histórias relacionadas às constituições de suas línguas de sinais. Os Estados Unidos, assim como ocorreu no Brasil, recebeu influência da Língua de Sinais Francesa. A Língua Americana de Sinais, *American Sign Language* (ASL) percorreu um caminho longo até ser oficialmente reconhecida, sendo que antes da consolidação dos estudos linguísticos realizados por Stokoe, na década de 1950, havia sido fundado clube de surdos para que estes pudessem compartilhar as produções culturais em ASL. Na década de 1960, deu-se iniciou a trabalhos de um grupo nacional de teatro surdo que se apresentavam no espetáculo “My Third Eye”, onde foram realizadas apresentações em todos os estados dos EUA e em demais continentes (Meredith, 2014, p. 27).

Em relação à Língua de Sinais Boliviana (LSB) não foi encontrado nenhum documento que a valide ou a reconheça legalmente. Podemos perceber que existe uma movimentação da comunidade surda da Bolívia para que seus direitos sejam garantidos. Consta um Decreto

Supremo N° 0328, de 14 de outubro de 2009, no qual é mencionada a existência de um conselho boliviano de língua de sinais (Bolívia, Ministero de Educación, 2010).

Calvet (2002, p. 28) propõe três modelos de interferências linguísticas entre as línguas orais utilizadas na região de fronteira, sendo elas: as interferências fônicas, as interferências sintáticas e as interferências lexicais. No que se refere às interferências fônicas: são influências relacionadas às pronúncias, no caso, entre os usuários do português e do espanhol na fronteira entre Brasiléia-Brasil e a Cobija-Bolívia, por exemplo; as interferências sintáticas relacionam-se às questões estruturais, de construções sintáticas; interferência lexical: estão relacionadas aos empréstimos linguísticos, entre os usuários das línguas em contato. Nota-se que, apesar de as pesquisas terem sido realizadas com línguas orais, as interferências dois e três ocorrem nas línguas sinalizadas.

Nesse sentido, Albuquerque (2009) esclarece que:

A prática cotidiana das pessoas que vivem em áreas fronteiriças revela variadas formas de hibridismo linguístico [...]. Os moradores fronteiriços estão acostumados a misturar os idiomas, as músicas, a culinária etc., a criar estereótipos sobre os outros e se identificar com suas respectivas nações. Mas os governos e a maioria dos educadores vêm a mistura como um perigo e um medo de perder a soberania nacional (Albuquerque, 2006, p. 15).

Assim, nota-se que a cultura de um povo influencia a cultura de outro em diversos aspectos, na região de fronteira. As pessoas que ali convivem, devido ao contato, acabam aprendendo as duas línguas, sendo bilingues, ou então, pode surgir uma interlíngua, que se caracteriza como uma língua intermediária utilizada por pessoas que transitam em espaços nos quais há usuários de diferentes línguas. Assim, “A fronteira é um lugar que ganha significações diferenciadas, em especial para aqueles que nela vivem, pois ela se define como um espaço de contato; na qual, as culturas se tocam, as línguas se aproximam e as nações se entreolham e se entrelaçam” (Moraes, 2012, p. 42).

No capítulo seguinte, será apresentada a metodologia da pesquisa, sendo apresentado o caminho traçado para a realização do estudo.

### 3 METODOLOGIA

É fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa que sejam estabelecidos os métodos que serão utilizados para a sua realização. Entende-se “[...] método como caminho para chegarmos a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingirmos o conhecimento” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 24).

Assim, são apresentados os caminhos trilhados. Em relação à sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois tem o intuito de contribuir com novos conhecimentos, porém, sem aplicação imediata. Quanto aos objetivos é uma pesquisa descritiva realizada através de levantamentos bibliográficos e entrevistas “[...] com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

A motivação para pesquisar sobre esse tema surgiu no dia da comemoração do dia do surdo organizada pela Associação dos Surdos do Acre, na qual ocorreu um campeonato de futsal em Rio Branco e um surdo de Brasiléia veio para participar. A partir disso, tive contato com ele e combinamos uma viagem para Brasiléia. Ao chegar na cidade nós saímos para fazer compras, passeamos e quando eu retornei para Rio Branco eu iniciei a faculdade de Letras Libras. Quando cheguei no 7º período, no qual cursamos a disciplina de TCC I, decidi escolher o tema que falasse dessas características da Libras e da LSB. Escolhi como orientador o professor Lucas Vargas, que muito me incentivou na disciplina de sociolinguística, e que conhecia surdos da fronteira, podendo contribuir com a pesquisa.

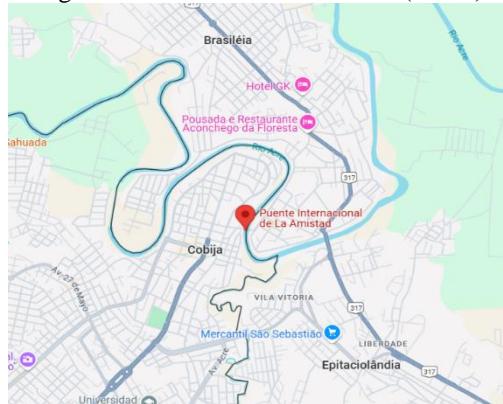
Ao iniciar minha pesquisa, me lembrei desse amigo que conheci no campeonato de futsal em Rio Branco e o professor Lucas me apresentou um surdo de Cobija. Entrei em contato com eles e os convidei para participarem de minha pesquisa e eles aceitaram. Expliquei o objetivo do estudo, como seria feito, falei sobre a entrevista e eles aceitaram o convite.

Os dois sujeitos participantes da entrevista são surdos. Então, combinamos uma data para a entrevista e ficou agendado para mês de fevereiro de 2025, sendo feita ao mesmo tempo com os dois surdos. Eu estava sozinho com o material necessário para a entrevista, as perguntas eram em Libras tendo em vista que os sujeitos eram surdos, um utilizava a Libras e o outro LSB.

Dessa forma, o presente estudo foi desenvolvido a partir da análise de dados gerados mediante a realização de uma entrevista com dois surdos adultos, que moram na região de fronteira entre Brasil (Brasileia) e Bolívia (Cobija). Um desses surdos nasceu no Brasil, e tem

a Libras como primeira língua, e se mudou para Cobija para trabalhar. O outro surdo participante é boliviano, tem a Língua de Sinais Boliviana como sua primeira língua.

Figura 3- Mapa da região de fronteira entre Brasiléia (Brasil) e Cobija (Bolívia)



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Em relação aos procedimentos trata-se de um estudo de caso, que consiste em:

[...] coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60).

A princípio, havia planejado realizar a entrevista pessoalmente, na fronteira de Brasiléia e Cobija. Porém, devido a várias dificuldades, sendo uma delas a falta de tempo em decorrência das aulas na universidade, não consegui ir. Por isso, a conversa foi realizada virtualmente, pelo Meet, com os dois participantes ao mesmo tempo. A entrevista foi sinalizada e gravada, para podermos observar as sinalizações dos participantes e suas falas sobre como ocorre a interação entre eles e outros surdos da região. Apesar das interrupções devido à má qualidade da internet, consegui conversar com os participantes no dia 21 de fevereiro de 2025. Um dos surdos tem 31 anos e o outro tem 30 anos, e moram na região de fronteira Brasil-Bolívia. O meu contato com um desses surdos, Carlos, ocorreu em Rio Branco, em um campeonato de futsal organizado pela Associação dos Surdos do Acre - Assacre, em comemoração ao dia dos surdos há uns 3 anos atrás. Esse surdo mora em Cobija, e tem um amigo Boliviano a quem convidou para participar, juntamente com ele, da entrevista. Os dois surdos são amigos e se encontraram para participar da entrevista ao mesmo tempo.

Figura 4 – Realização da entrevista



Fonte: Elaborado pelo autor.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois seu intuito não é quantificar, mas verificar questões relacionadas à interação entre surdos que são de países diferentes, porém moram em uma região de fronteira entre esses dois países. Essa abordagem:

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Assim, foi realizada uma entrevista, com o intuito de gerar os dados para o estudo, buscando informações sobre questões linguísticas no referido espaço de fronteira. A entrevista foi estruturada, pois foi seguido um roteiro, estabelecido anteriormente (Prodanov; Freitas, 2013).

Ao início da entrevista foi feita a solicitação de que se apresentassem, sinalizando o nome, o sinal, a idade e a profissão. Na sequência, foi perguntado:

- 1) Vocês usam qual língua de sinais: Libras ou Língua Boliviana de Sinais, ou as duas?
- 2) Vocês acham que se comunicam bem na região de fronteira Brasil – Bolívia?
- 3) Em que situações vocês usam cada uma das línguas?
- 4) Como vocês aprenderam sinalizar?
- 5) A interlíngua é um processo natural na região devido ao fluxo de pessoas entre os dois países. Vocês conseguem se comunicar nesta área de fronteira? É possível?

6) Quais os recursos vocês utilizam nesta região para se comunicarem com os ouvintes? Vocês oralizam, sinalizam, escrevem, utilizam o celular?

7) Vocês participam da comunidade surda ou já participaram?

Após a entrevista, o vídeo foi traduzido para a língua portuguesa escrita (conforme consta no apêndice deste texto), para facilitar a construção do texto. Assim, a partir das colocações dos participantes, foram gerados os dados para a realização da análise, em busca de responder aos objetivos do estudo.

A pesquisa apresenta característica descritiva. Segundo Gil (2002, p. 41), “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Após ser mostrada a metodologia escolhida para a realização da pesquisa, será apresentada, no capítulo quatro, a análise da entrevista realizada.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A entrevista foi realizada de forma virtual, conforme dito, pois não foi possível ir à fronteira. Inicialmente, os participantes se apresentaram. Como não conheço bem a Língua de Sinais Boliviana, o surdo brasileiro mediou a conversa nos momentos em que percebia que eu estava em dúvida, sinalizando em Libras.

O surdo brasileiro, Carlos, tem 31 anos e nasceu em Brasiléia. Estudou e concluiu o ensino médio e, atualmente, trabalha na Bolívia. José Luiz tem 30 anos e nasceu em Cobija, na Bolívia. Atualmente, trabalha na prefeitura de sua cidade. Eles participam dos encontros da comunidade surda boliviana que ocorrem em Cochabamba- Bolívia.

Ao perguntar qual a língua de sinais é utilizada por eles, se Libras ou Língua de Sinais Boliviana, ou as duas, Carlos respondeu que, desde criança, quando entrou na escola, aprendeu a Libras. A Língua de Sinais Boliviana foi aprendida aos 14 anos, como segunda língua. José Luiz enfatiza que ele utiliza a língua de sinais boliviana, destacando que a aprendeu aos 9 anos.

Assim, pela fala do surdo boliviano, percebe-se que ele não utiliza a Libras, não sendo uma pessoa bilíngue. Isso pode ser percebido no decorrer da conversa, pois o surdo brasileiro precisou, em vários momentos, realizar o papel de intérprete da minha sinalização, Libras, para o surdo boliviano, pois ele não conseguia compreender. Da mesma forma que, em algumas situações, ele sinalizou em Libras para mim a informação dada pelo surdo boliviano. Pode-se inferir a partir desta situação que o surdo boliviano não compreendia a Libras e que na interação entre ele e o amigo era utilizada a Língua de Sinais Boliviana. Dessa forma, o surdo brasileiro é bilíngue, pois utiliza as duas línguas de sinais. Assim, apesar de viver em uma região de fronteira, na qual há contato entre línguas, José Luis utiliza apenas a Língua de Sinais Boliviana.

A comunicação entre pares pode ser desenvolvida de diversas maneiras, entre estes as línguas de sinais, que são utilizadas pelas comunidades surdas nas diversas regiões do mundo. Em regiões fronteiriças, a condição de comunicação para pessoas surdas não se altera, cada país utiliza a sua própria língua de sinais; no entanto, aspectos da integração física e cultural são mesclados ao cotidiano e é importante reconhecer aspectos representativos que diferem a fronteira de outros lugares (Miranda *et al.*, 2023, p. 155).

Na questão seguinte, foi perguntado se eles se comunicam bem na região de fronteira Brasil – Bolívia. Carlos disse que entende Libras com clareza e consegue estabelecer uma boa comunicação com surdos bolivianos. José Luiz disse: “Consigo. Pergunto para a pessoa surda de Brasiléia qual o nome e sinal dela, então tentamos nos comunicar e compreender, mais é

fácil a adaptação em Libras e em Língua de Sinais Boliviana, os sinais “NOME” e “SINAL” são diferentes, mas é possível a comunicação e compreensão”.

A fala de José Luiz demonstra que, em situações nas quais ele se encontra com surdos de Brasiléia que não sabem a Língua de Sinais Boliviana, ele busca adequar a sua sinalização, fazer adaptações para estabelecer interação. Neste momento, é possível perceber que é utilizada uma forma de interlíngua, pois ele utiliza sinais de sua língua e da Libras, buscando mesclá-las para conseguir se comunicar. Assim, corrobora-se com o que explica Calvet (2002, p. 37), ao afirmar que a relação de um indivíduo em situação de confronto com duas línguas que utiliza vez ou outra poderá gerar misturas em seu discurso.

Os participantes são questionados sobre as situações de uso de cada uma das línguas. Carlos afirma que utiliza as duas línguas sempre. Nota-se que, a depender do contexto, ele faz suas escolhas linguísticas, conforme pode ser percebido durante a entrevista. José Luiz, mais uma vez, afirma utilizar mais a Língua de Sinais Boliviana. Assim, as pessoas da região de fronteira tendem a ser bilíngues, não por escolha, mas devido ao contexto em que se encontram, sendo necessário no estabelecimento das relações (Calvet, 2002).

A pergunta seguinte, refere-se a como eles aprenderam a sinalizar. Carlos enfatiza que “Nós dois sinalizamos naturalmente, não é preciso o nome das coisas. Não precisa. Nós sinalizamos e vamos apontando. É natural”. José Luiz concorda com o amigo: “Isso. Os nomes não, sinalizamos naturalmente, usamos sinais, apontamos”. A fala dos entrevistados demonstra que as línguas de sinais são línguas naturais, sendo independente das línguas orais auditivas. Sendo, assim, como eles enfatizam, não são necessários “nomes”, há outros recursos que são por eles utilizados, como o uso de apontamento, mostrando e buscando explicar a que se refere, sobre o que se fala, de acordo com o contexto que se encontram. A fala de ambos demonstra que esses recursos são suficientes no estabelecimento das relações, mesmo quando desconhecem os sinais correspondentes na língua do amigo.

Ao serem perguntados se aconteceu alguma situação em que tiveram dificuldade em se comunicar, eles esclarecem:

Carlos: “Sim, nós passamos por situações em que tentamos nos comunicar, procuramos soletrar, verificar se as letras estavam certas ou não, mas a partir da contextualização conseguimos entender, compreendemos bem”.

José Luiz: “Há alguns sinais, combinamos alguns sinais e conseguimos nos comunicar, mas há situações em que a comunicação não acontece com clareza e fica difícil entender. É preciso pensar, verificar o contexto”.

As línguas estão diretamente relacionadas aos seus contextos de uso. Dessa forma, mesmo que não compreendam, é possível repensar, reestruturar a forma de sinalizar e, a partir da contextualização, esclarecer.

Em relação a perceberem semelhanças e diferenças entre a ASL, Libras e Língua de Sinais Boliviana, eles enfatizam que as três são línguas muito diferentes. Nota-se que, apesar de uma origem comum, a Língua de Sinais Francesa, Libras e ASL são diferentes, a Língua de Sinais Boliviana também. Isso ocorre, pois as questões linguísticas estão diretamente relacionadas com as questões sociais e culturais, influenciando nas constituições das línguas e sendo por eles influenciados.

Calos enfatiza que nunca teve contato com outras regiões de fronteira e que “Tento me comunicar em Libras em Língua de Sinais Boliviana, é um espaço bilíngue, me comunico bem, mas nome e letras são diferentes em LSB, eu sozinho tentei compreender, busquei entender frases de contexto em Libras e LSB[...]. Onde moro, eu utilizo mais a Língua de Sinais Boliviana, nos dois conversamos nessa língua. Estou em Cobija e trabalho aqui, utilizo a língua de sinais daqui”.

Os participantes foram questionados sobre quais recursos utilizam nesta região para se comunicarem com os ouvintes, se oralizam, sinalizam, escrevem, utilizam o celular. Observou-se que o uso da tecnologia é importante nesse processo de interação dos surdos com pessoas que não sinalizam, especificamente nesta região de fronteira. José Luiz: “Utilizo muito o celular, escrevo no celular e mostro para a pessoa na rua, nos lugares que vou. Entendeu? Sempre que tenho dúvida escrevo no celular e mostro”.

Um ponto que percebi durante a entrevista, foi a utilização, pelo surdo boliviano, José Luiz, de sinais da Língua Americana de Sinais. Como exemplo, o sinal “NOME” foi utilizado. Nota-se que ocorrem empréstimos linguísticos entre as línguas de sinais, mesmo não sendo a ASL utilizada na região de fronteira, pois “[...] o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva [...]” (Calvet, 2012, p. 31).

Na sequência, é apresentado um recorte do momento em que o surdo boliviano utiliza o referido sinal:

Figura 5 – Sinal “NOME” - ASL

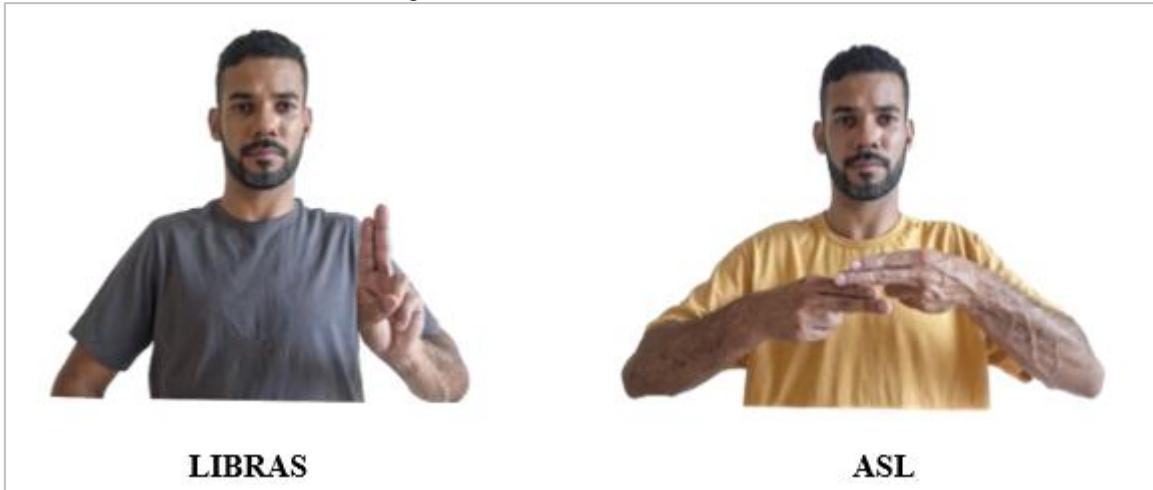


Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se, no sinal “NOME”, utilizado pelo surdo boliviano, a influência da American Sign Language-ASL. Nota-se que é o mesmo sinal, mesma configuração das mãos, locação, movimento e orientação. Na Libras, conforme apresentado na Figura 3, o sinal “NOME” é diferente, sendo que na Libras o sinal é realizado apenas com uma das mãos.

A figura a seguir, apresenta o sinal “NOME” em Libras e em Língua Americana de Sinais. Apesar de essas duas línguas terem origem comum, a Língua de Sinais Francesa, as questões culturais e sociais influenciaram nas línguas e na configuração de muitos sinais.

Figura 6 - Sinal “NOME” - Libras e ASL



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que, em um mundo globalizado, no qual as tecnologias são utilizadas e as informações circulam rapidamente, as pessoas surdas conseguem, assim como os ouvintes, ter

contato com outras línguas, que mesmo não sendo as da região de fronteira, influenciam em suas formas de sinalizar, inclusive no que se relaciona aos empréstimos linguísticos.

Podemos observar, a partir da entrevista, que os surdos que estão em região de fronteira são pessoas que tendem a ser bilíngues, recorrendo a recursos como apontamentos, para esclarecerem as possíveis dúvidas que possam vir a surgir, principalmente, em contatos iniciais. A convivência e o contexto do qual participam, contribuem para que a interação ocorra e para que haja compreensão entre ambos.

## 5 CONCLUSÃO

Como surdo usuário de língua de sinais e morador do Acre, estado que faz fronteira, entre outros, com a Bolívia, surgiu em mim o interesse em observar questões relacionadas aos usos das línguas de sinais na região de fronteira entre esses dois países, especificamente entre Brasiléia e Cobija. Dessa forma, foi proposto o estudo de TCC com o objetivo de verificar se os surdos que transitam na região de fronteira entre Brasiléia (Brasil) e Cobija (Bolívia) utilizam uma interlíngua sinalizada ou se são pessoas bilíngues que usam de forma alternada as línguas de sinais brasileira e boliviana.

Mediante a realização de uma entrevista com um surdo brasileiro e um surdo boliviano, que transitam na região de fronteira e têm uma relação de amizade, foi possível observar algumas questões. O surdo brasileiro, Carlos, mora em Cobija, e é uma pessoa bilíngue, usuária da Libras e da Língua de Sinais Boliviana; o surdo boliviano, José Luiz, utiliza, majoritariamente, a Língua de Sinais Boliviana. Entretanto, por terem uma relação de amizade e estarem em constante contato, percebe-se que José Luiz demonstra conhecer alguns sinais da Libras. Assim, ele está aprendendo a Libras e, provavelmente, será bilíngue devido ao contexto no qual está inserido e à convivência com surdos usuários de Libras.

Como no momento da entrevista, o surdo boliviano utiliza a Língua de Sinais Boliviana, foi necessária a intermediação de Carlos durante a entrevista, mediando a conversa e realizando a interpretação entre o entrevistador e José Luiz.

Percebe-se, na fala dos participantes, que nem sempre os sinais são necessários, sendo trazido como recurso utilizado a apontação, indicando de forma visual a que estão se referindo. Esse recurso evoca as características visuais das línguas de sinais, destacando a importância do contexto. A relação deles e sua interação é facilitada pela relação de amizade que têm, estando em contato constante.

O surdo boliviano indicou que adequa sinais da Língua de Sinais Boliviana e da Libras nos momentos em que precisa interagir com outros surdos, como os quais tem um contato menos frequente. Assim, nota-se uma interlíngua, na qual são trazidos elementos das duas línguas de sinais.

Um fato interessante, que pôde ser percebido, foi a utilização de sinais da Língua Americana de Sinais. Nota-se que os empréstimos linguísticos são naturais entre as línguas, mesmo elas sendo utilizadas em regiões distantes. Devido à tecnologia e ao uso das redes sociais, os surdos, no caso deste estudo, têm contato com sinalizações diversas, o que reflete nas diversas línguas sinalizadas.

A partir da entrevista com dois surdos pudemos ter uma visão de como eles se comunicam na região de fronteira, havendo indicativo de interlíngua, apontamentos e tendência ao bilinguismo. Observamos que os dois surdos entrevistados, que transitam pela região de fronteira Brasiléia-Cobija, interagem sem problemas, tendo uma relação de amizade. Porém, é importante que pesquisas futuras sejam realizadas, buscando observar um quantitativo maior de pessoas surdas. Porém, foi um primeiro passo para o estudo de um tema que muito me interessa. Percebemos, após a análise dos dados que é utilizada uma interlíngua, por surdos que ainda não são bilíngues. Entretanto, um de nossos participantes enfatizou a característica bilíngue da região.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguais” entre os limites nacionais. Porto Alegre: Horizontes **Antropológicos** [online] 2009, vol.15, n/31, pp. 137-166/ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>. Acesso em 09 out 2024.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 15 fev. 2025.

BRASIL. Lei 14.704, de 25 de outubro de 2023. **Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm). Acesso em: 15 fev. 2025.

BRITO, Fábio Bezerra de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRITO, Luciana. Ferreira. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Revista Espaço**, Brasília, v. 1, p. 20–43, 1990.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** (Trad. de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CALVET, Louis-Jean **As Políticas Linguísticas.** Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. O que a história nos conta sobre as línguas de sinais. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades.** Jul-Dez, v. 10, n. 2, 2022, p. 268-286.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?** Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

MEREDITH, Robert. **História do teatro surdo nos Estados Unidos.** Nova York: Deaf Cultural Press, 2014.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, (Org.). **Curso de Enseñanza de La Lengua de Señas Boliviana:** Módulo 1, 2, 3 e 4. La Paz, Bolivia: Ministerio de Educación, 2010.

MIRANDA, João Paulo Romero. **Contato linguístico da modalidade espaço-visual: língua brasileira de sinais e língua de sinais boliviana na fronteira.** Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em linguística. Florianópolis, SC, 2020.

MIRANDA, João Paulo Romero. *et al.* Língua Brasileira de Sinais e Língua de Sinais Boliviana em contato. **Revista Philologus**, Ano 29, n. 85 Supl., Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr.2023.

MORAES, Lourival Monteiro de. **Bilinguismo e jogo de identidades na região de fronteira:** A Escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá. Dissertação (Mestrado em estudos fronteiriços). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. Corumbá, 2012.

PRETI, Dino Fioravante. **Sociolinguística, os níveis da fala:** um estudo sociolinguístico do diálogo literário. São Paulo: Editora Nacional, 3<sup>a</sup> ed., 1977.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos:** aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997 [2008].

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras:** Linguística para o ensino superior 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Mullher; KARNOOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SÁ, Nídia Limeira de. Existe uma cultura surda? *In: SÁ, Nídia Limeira de* **Cultura, poder e educação de surdos.** São Paulo:Paulinas, 2006, p. 9-18.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO/MG. **Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez:** Histórico e Diretrizes de Funcionamento. Belo Horizonte, 2016.

STOKOE, William Clarence. **Sign Language Structure:** An Outline of the Visual Comunnication System of the American Deaf. New York: Buffalo University, 1960, p. 78.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed. 1 reimpr. Florianopólis: Ed. da USFC, 2018.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação dos surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima de. O despertamento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological.** Rio Branco, UFAC v.8 n.2 (2021): Edição jan/abr. – p. 889-903.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro. **Professores surdos egressos do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre:** características identitárias (re)construídas nas práticas dos docentes de língua de sinais. Tese (Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, p. 211, 2023.

## APÊNDICE - ENTREVISTA

A entrevista foi realizada via meet com os dois entrevistados, ao mesmo tempo, no dia 21 de fevereiro de 2025.

- **Gustavo:** Olá! Bom dia, a vocês! Então, eu vou perguntar primeiro ao surdo de Brasiléia o seu nome e depois ao surdo de Cobija. Está bem? Então qual o seu nome?
- **Surdo de Brasiléia:** Meu nome é Carlos. Este é o meu sinal... Sou de Brasiléia.
- **Gustavo:** Ok. Certo. Seu nome?
- **Surdo de Cobija** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*): Meu nome é José Luís. Este é o meu sinal. Sou de Cobija.
- **Gustavo:** Certo. Qual a idade de vocês?
- **Surdo de Brasiléia:** 31 anos.
- **Surdo de Cobija:** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*).30 anos.
- **Gustavo:** Qual a formação e atuação profissional de vocês?
- **Surdo de Brasiléia:** Eu estudei o Ensino Fundamental e Médio. Já concluí, me formei e depois fui trabalhar na Bolívia.
- **Surdo de Cobija:** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*).
- **Surdo de Brasiléia:** Ele trabalha na prefeitura.
- **Gustavo:** Ok. Vou fazer a próxima pergunta e peço que vocês respondam de forma breve com alguns detalhes. Você (*para o surdo de Brasiléia*) usa qual língua de sinais: Libras ou Língua de Sinais Boliviana, ou as duas?
- **Surdo de Brasiléia:** Primeiro, Libras. Quando criança, fui para a escola e aprendi Libras. Depois, aos 14 anos, aprendi a segunda língua, a Língua de Sinais Boliviana.
- **Gustavo:** E você, utiliza qual língua, apenas uma ou as duas?

*(O surdo boliviano não compreendeu o que foi perguntado em Libras. Neste momento, o surdo brasileiro sinaliza a questão em Língua de Sinais Boliviana)*

- **Surdo de Cobija:** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*).
- **Surdo de Brasiléia:** Ele disse que aos 9 anos aprendeu a *Língua de Sinais Boliviana*.
- **Gustavo** (se direcionando ao surdo brasileiro): Você acha que se comunica bem na região de fronteira Brasil – Bolívia?
- **Surdo de Brasiléia:** Eu entendo Libras com clareza e consigo estabelecer uma boa comunicação com surdos bolivianos.

- **Gustavo** (se direcionando ao surdo boliviano): E você, consegue se comunicar bem com os surdos de Brasiléia?
- **Surdo de Cobija** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*): Consigo. Eu pergunto para a pessoa surda de Brasiléia qual o nome e sinal dela, então tentamos nos comunicar e compreender, mas é fácil a adaptação em Libras e em Língua de Sinais Boliviana, os sinais “NOME” e “SINAL” são diferentes, mas é possível a comunicação e compreensão.
- **Gustavo**: Em que situações vocês usam cada uma das línguas?
- **Surdo de Brasiléia**: Eu uso as duas línguas sempre.  
(*Nesse momento, o surdo brasileiro, traduz a pergunta para a Língua de Sinais Boliviana.*)
- **Surdo de Cobija**: Eu utilizo mais a Língua de Sinais Boliviana.
- **Gustavo**: Ótimo! Então, como vocês aprenderam a sinalizar?
- **Surdo de Brasiléia**: Nós dois sinalizamos naturalmente, não é preciso o nome das coisas. Não precisa. Nós sinalizamos e vamos apontando. É natural.
- **Surdo de Cobija** (*Sinaliza em Língua de Sinais Boliviana*): Isso. Os nomes não, sinalizamos naturalmente, usamos sinais, apontamos.
- **Gustavo**: Aconteceu alguma situação em que vocês tentaram se comunicar mas não conseguiram?
- **Surdo de Brasiléia**: Sim, nós passamos por situações em que tentamos nos comunicar, procuramos soletrar, verificar se as letras estavam certas ou não, mas a partir da contextualização conseguimos entender, compreendemos bem.
- **Surdo de Cobija**: (utiliza a Língua de Sinais Boliviana, sendo alguns sinais semelhantes aos da Libras) – Há alguns sinais, combinamos alguns sinais e conseguimos nos comunicar, mas há situações em que a comunicação não acontece com clareza e fica difícil entender. É preciso pensar, verificar o contexto.
- **Gustavo**: Na sinalização, vocês percebem semelhanças e diferenças entre a ASL, Libras e Língua de Sinais Boliviana?  
(*Surdo de Brasiléia traduz a pergunta para a Língua de Sinais Boliviana*)
- **Surdo de Cobija**: São língua muito diferentes.
- **Gustavo**: Vocês estão na região de fronteira Brasiléia – Cobija, mas tiveram contato com pessoas de outras regiões de fronteira?
- **Surdo de Cobija**: Não. Eu tento me comunicar em Libras em Língua de Sinais Boliviana, é um espaço bilíngue, me comunico bem, mas nome e letras são diferente em LSB, eu sozinho tentei compreender, busquei entender frases de contexto em Libras e LSB.
- **Gustavo**: Em relação à distância entre as cidades. São próximas?

- **Surdo de Cobija:** São muito próximas, ficam perto uma da outra.
- **Surdo Brasileiro:** São 2min. de distância. Atualmente, aqui onde moro, eu utilizo mais a Língua de Sinais Boliviana, nos dois conversamos nessa língua. Estou em Cobija e trabalho aqui, utilizo a língua de sinais daqui.
- **Gustavo:** A interlíngua é um processo natural na região devido ao fluxo de pessoas entre os dois países. Vocês conseguem se comunicar nesta área de fronteira? É possível?  
(*Surdo de Brasiléia sinaliza a pergunta em Língua de Sinais Boliviana*).
- **Surdos:** Sim, é possível.
- **Gustavo:** Quais os recursos vocês utilizam nesta região para se comunicarem com os ouvintes? Vocês oralizam, sinalizam, escrevem, utilizam o celular?
- **Surdo de Cobija:** Utilizo muito o celular, escrevo no celular e mostro para a pessoa na rua, nos lugares que vou. Entendeu? Sempre que tenho dúvida escrevo no celular e mostro.
- **Gustavo:** Vocês participam da comunidade surda ou já participaram?
- **Surdo de Cobija:** Sim, participo. A comunidade surda frequentemente se encontra em Cochabamba- Bolívia.
- **Gustavo:** Como é contato com surdos na região na fronteira, é frequente?
- **Surdos:** Sim, sempre há contato entre surdo na fronteira.
- **Gustavo:** Certo! Então eu finalizo a entrevista, agradeço muito a participação de vocês. Eu sou o Gustavo, meu sinal é este... e eu mais uma vez agradeço a vocês, que moram na região da fronteira Brasiléia – Cobija, por terem aceitado participar de minha pesquisa, está entrevista é para o meu TCC. Muito obrigado pela ajuda.
- **Surdo de Brasiléia:** Por nada. Boa sorte!
- **Surdo de Cobija:** Muito obrigado e espero que em breve você venha aqui para encontrar com a comunidade surda de Cobija.
- **Gustavo:** Irei com o Lucas visitar vocês. Abraço.